

Interstício

Apresentação da nova seção da Berggasse 19

A psicanálise sempre se desenvolveu nos espaços *entre* – entre dito e não dito, entre sensação e pensamento, entre indivíduo e grupo, entre memória e criação. **Interstício** nasce justamente para acolher textos que habitam essas zonas liminares, onde o pensamento psicanalítico se expande ao encontrar literatura, arte, ciência, filosofia e formas criativas de expressão. É um território dedicado a contribuições que, mantendo o rigor próprio da psicanálise, exploram caminhos menos lineares e reconhecem a potência clínica dos deslocamentos de vértice.

Nesta seção entram trabalhos que não se ajustam ao molde tradicional do artigo científico, mas porque o pensamento do autor aponta para outras arquiteturas: narrativas, cenas, imagens, experimentações de linguagem, jogos de forma e variações de estilo. Sustentamos aqui a ideia de que o estilo é também método, e que certos aspectos da experiência psicanalítica só se tornam visíveis quando permitimos que a escrita acompanhe a complexidade dos fenômenos que descreve. São textos que exercitam elasticidade mental e propõem aproximações inovadoras, abrindo passagens onde antes havia fronteiras rígidas. Talvez não recebamos trabalhos com essas características para todos os cadernos, mas o espaço estará aberto para até dois artigos em cada edição.

O termo “interstício” aponta para esse lugar de atravessamento. Entre forma e conteúdo, entre teoria e sensibilidade clínica, entre racionalidade e imaginação, abre-se um espaço fértil em que novas configurações de pensamento emergem. Esse é o território das nuances, dos intervalos, das zonas de transição – regiões onde ideias podem se combinar de modo inesperado e a psicanálise reencontra sua vitalidade criativa. Ao acolher diferentes modos de escrita, a seção afirma que o conhecimento psicanalítico não se esgota em modelos fixos, mas se renova ao experimentar outras maneiras de formular perguntas.

Interstício é, portanto, um convite: um convite para habitar regiões em que o psiquismo se mostra em sua complexidade mais viva; para explorar modos de transmissão que preservam o rigor sem abrir mão da imaginação; para reconhecer que, também na escrita – como na clínica –, o novo irrompe precisamente quando algo escapa ao já sabido.

Esta seção é um espaço de abertura, experimentação e diálogo, contribuindo para o fortalecimento de uma psicanálise capaz de pensar a si mesma por múltiplos vértices.

Apólogo de um vértice com a cabeça em uma nuvem^[1]

Guelfo Margherita^[2]

Este escrito poderia ser apenas um Exercício de Estilo. Deve ser assumido tanto com moderação calmante quanto com provocação excitatória. Atenção às possíveis reações alérgicas, inclusive muito violentas, decorrentes de desequilíbrios entre o simpático e o parassimpático.

A enorme confusão, no mundo e nos cérebros, encontra-se suspensa entre a esperança e o terror de uma mudança de paradigma do sentido e dos valores.

A bomba explode bem no meio da “Távola Redonda”, naturalmente por uma questão de princípio. Alguns cavaleiros sustentavam que, no princípio, era o Caos. Nesse caso, seria preciso circunscrevê-lo e talvez escondê-lo no inconsciente, deixando-o pingar pouco a pouco nas estruturas ordenadoras do cálice do *setting* como recipiente (alguns também o chamavam de Graal). Havia, por outro lado, quem sustentasse que, no princípio, era o Verbo: seria então necessário reconhecê-lo e fluidificá-lo dinamicamente até a consciência mística, por meio das leis da comunicação – talvez as de Shannon. Uns liam sua “Bíblia” de $Sn \rightarrow Dx$; outros estudavam seu “Alcorão” de $Dx \rightarrow Sn$.^[3]

Qfwfq, o explorador protomental, parido das vísceras melancólicas (azuis?) de Italo Calvino, como passava o espaço-tempo cavalgando palíndromos, não tinha necessidade de tomar partido, pois mantinha estruturalmente sua coerência em ambos os sistemas em oposição. Sentiu, assim, que uma possível mediação entre os massacres poderia ser explorada talvez observando a oscilação do traço como um

1. Trabalho originalmente publicado como “Apologo di un Vertice con la testa in una Nuvola”, em *Quaderni del Centro Napoletano di Psicoanalisi n. 9: Declinazioni del confine* (S. Lombardi & E. C. Montanara, Eds.; Franco Angeli, 2026, pp. 148-158). Tradução de Raffaella Passeggia.

2. Psiquiatra. Psicanalista da Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI), didata do Istituto Italiano di Psicoanalisi di Gruppo (IIPG). Atua em Nápoles dedicando-se às psicoses e seus contextos. Fundador e coordenador do grupo de estudos Tiramisu.

3. As notações $Sn \rightarrow Dx$ e $Dx \rightarrow Sn$ são utilizadas aqui de modo metafórico, inspiradas na lógica geral da transmissão da teoria da comunicação, sem corresponder a notações técnicas da teoria matemática da informação de Claude Shannon. $Sn \rightarrow Dx$ indica um movimento de cima para baixo, da estrutura do sinal ou da palavra para a decodificação e o sentido; $Dx \rightarrow Sn$ indica um movimento de baixo para cima, da experiência, do afeto ou do sentido vivido para a construção do sinal ou da palavra. (N.E.)

pêndulo (Da/Fort). Talvez, usando os instrumentos de Procusto, a Távola Redonda destinada ao debate devesse ampliar sua esfera para conquistar, além do plano, o espaço e, progressivamente, todos os seus “aléns” – aquelas bolhas singulares concêntricas ao próprio cérebro nas quais tendia a se encerrar.

Ou seja, transformar-se, misturando Giordano Bruno a Matte Blanco, em um conjunto capaz de respirar o infinito.

Mas talvez o cardeal Belarmino tivesse razão: um mundo assim valia a pena incendiar imediatamente – naturalmente no Campo dei Fiori, onde a criatividade desenfreada de neurônios vagantes para além das fronteiras era contida pela fogueira – ou, ao menos, pela abjuração – dentro de um sistema binário.

O visconde D’Auge, em setembro de 1264, subiu ao torreão do castelo para considerar a condição histórica pouco clara e os ajuntamentos grupais ocupados com suas diferenças e empenhados em se esconder dentro dos restos do próprio passado.

Que caos!

Acampados na lama, “um huno ou dois”, a silhueta esfacelada de algum “Direito Romano, Francos de Copenhague antiga, Vândalos Desconhecidos. Os Normandos bebiam Calvados”.

Ele citou Baudelaire *ante litteram*, que mistura prantos e flores (*pleurs* e *fleurs*) para criar a lama. Rita Levi-Montalcini, tapando o nariz, media o *élan vital* daquele caldo primordial que os moleques de rua napolitanos chamavam de “a desgraça das flores”, transgredindo qualquer tipo de sexofobia; ou seja, tentava, a professora, ordenar o acasalamento retorcido e as cadeias gênicas para alinhar os alelos e sua multiforme criatividade estatística, de modo a permitir que as regras das famílias arco-íris fossem reescritas e libertadas da demasiado nítida cisão do Hermafrodita. Extraindo a *desgraça* das flores da lama, talvez estivesse transformando, com Mahmood, uma obscenidade de jargão em uma canção de rap, talvez uma balbuciação em poesia. O quadro ganhou vida porque, do cérebro enlameado de Queneau, começaram a brotar as raízes das primeiras flores azuis sob a forma de pensamentos.

Assim, o visconde D’Auge começou a sonhar, a caminho de Paris, com o maravilhoso encaixe temporal do sonho duplo, também o sonho de Cidrolin, um contemporâneo nosso que, encolhido na espreguiçadeira do convés, habita uma enorme barcaça que campistas e estudantes Erasmus^[4] querem colonizar linguisticamente. O sonho (duplo) deu-se conta de que era a sua lama que criava aquelas flores azuis – raiz das emoções, dos pensamentos e das narrativas que serviam para dar sentido ao tempo da separação. A binocularidade espaço-temporal do sonho duplo, que fundia o visconde D’Auge e Cidrolin, havia criado um espaço de fases para fazer crescer um atrator estranho que atravessava o espaço-tempo com uma parábola de escolha balística ou narratológica.

4. Erasmus refere-se ao programa europeu de mobilidade acadêmica ERASMUS+, criado em 1987, que permite a estudantes universitários cursar parte de sua formação em outro país do continente. No uso corrente, “estudantes Erasmus” tornou-se também uma designação cultural para jovens em trânsito, marcados por circulação linguística, identidades provisórias e experiências de deslocamento. (N.E.)

Então o desenho ganhou vida: “Os hunos cozinhavam bifes à tártara, os *gaulois* fumavam Gitanes, os romanos desenhavam gregas, os francos tocavam liras, os sarracenos fechavam persianas, os normandos, naturalmente, bebiam calvados. A esses jogos de palavras jamais se encontrará uma saída”.

Desceu então aos andares inferiores, dando vazão ao seu mau humor de passagem: bateu – não na esposa, visto que estava falecida –, mas nas filhas, em número de três; bateu nos criados, nos tapetes, em algum ferro ainda quente, no campo, no dinheiro e, por fim, com a cabeça na parede.

Sentiu vontade de viajar e, tendo descarregado a violência, desejou Paris, também para conseguir entender que diabos sua descendente Zazie andava procurando no metrô que, embora sempre em greve, transportava indivíduos, paixões, frases, ideias e telefones celulares. Todos tentavam comunicar-se uns com os outros, embora, naturalmente, nos túneis em que se encontravam, estivessem todos fora de área.

Foi nesse ponto do Simpósio que Platão se levantou, citou Sócrates, que por sua vez citava Diotima, a qual, para completar a Fiera dell’Est, havia passado por uma “escola tântrica” para aprender o vínculo fusivo entre prazer e dor – isto é, aquele desejo pelo além que enlouquece. Diotima depositou, banhada pelo rum jamaicano do tantra (dançado entre a rumba e o katakali), uma flor azul sob as tranças rasta entrelaçadas por Lou Andreas-Salomé, que aprendera isso com Rilke, diretamente no cérebro de Freud, demonstrando como, em um universo paralelo, um sonho múltiplo multiplicado por x pode ser louco e legítimo.

A flor tomou a forma de um cartão-postal autêntico, com o Hermafreu-dito, que alcançou aquele cérebro na Berggasse 19, Viena, enviado a ele a partir de sua própria sede, Berggasse 19, cem anos após sua partida definitiva daquele lugar. Isso porque, afinal, aquele velho rabugento já sabia, antes mesmo de começar, o que induziria a transformação histórica dos contextos culturais.

O Hermafreu-dito

Até mesmo no *gift shop* do sisudo Museu Freud, talvez em decorrência da explosão de risos provocada pelos lapsos, os funcionários haviam começado a se divertir com jogos de palavras. Sexo e violência, quando escapam do habitual, expressam uma irresistível carga cômica.

Por quanto tempo é possível segurá-la?

O cartão-postal,^[5] amarelado pelo tempo futuro, chegou a Guelfo por intermédio

5. A publicação original contém quatro figuras que não obtivemos autorização para reproduzir, assim, segue apenas sua descrição: a Figura 1 mostra um envelope constando como remetente “Sigmund Freud, Berggasse 19, 1090 Vienna, Áustria” e destinatário “Fabrizio dello Ioio, Via Agostino Depretis 88, 80133 Naples, Italy”. Dentro desse envelope encontra-se um postal (Figura 2) com um desenho do busto de Freud usando um sutiã e a inscrição HERMAFREUD, tendo ao lado o desenho de uma mão fechada apenas com o dedo médio estendido e demais unhas pintadas (a caricatura é de Jiří Slíva, mas o dedo é um desenho de Guelfo e Fabrizio). A Figura 3, ao lado, contém o *copyright*: “Jiří Slíva, aus Jiří Slíva: Sigmund Freud schläft nie, Gießen (Psychosozial-Verlag) 2014. www.psychosozial-verlag.de” (referente ao livro de cartuns *Sigmund Freud nunca dorme*, em tradução livre) e o selo FSC de certificação internacional de procedência de papel de reflorestamento. (N.E.)

de Fabrizio, que o recebeu ao mesmo tempo que Freud, pois reinava uma grande confusão temporal no sistema de correio pneumático do museu. Fabrizio conseguiu desviar a missiva para a imagem transtemporal a partir de sua mesa, com a cumprimentada sorridente da secretária do museu.

O envelope reproduzido documenta a sonda espaço-temporal que conduziu o cartão-postal oficial do museu a um passeio pelo multiverso.

“Ué”, disse consigo Guelfo – que, naquela ocasião, depois de *Gaia e l’homo sapiens*, escondia-se sob o pseudônimo de Wolf – o *Hermafrodita*! Precisamente o tema de que estou me ocupando agora.^[6]

Bion o proporia segundo este hieróglifo: ♀ (qualquer recipiente contém e dá forma a qualquer conteúdo). Pensou nos dogon do Mali, ao sul do rio Níger, e em como os antropólogos descobriram que seus xamãs conheciam as órbitas a partir das quais a estrela dupla de Sirius cortejava a si mesma no interior de seu conjunto, e como Céu e Terra faziam parte de uma mesma cosmogonia erótica para conjugar-se e dar origem, a partir da lama, a uma prole de entidades hermafroditas que, como flores azuis, penetravam dentro de seus corpos e fora deles, em uma miríade de mitos e ritos, por meio de máscaras que dançavam violência e sexo para configurar sua identidade tribal.

Seu pensamento voltou-se para a montagem de fragmentos do jardim de Capri^[7] (objetos ferrosos, madeiras, conchas e cores provenientes do caos). O objeto adquiria corpo e sentido, e adentrava o universo comunicacional, constituindo-se na realidade por meio da operatividade física e, no sonho, por meio da operatividade mental.

Assim como uma interpretação constrói, na mente, o mito para fazer-se contar, poderia ser também, talvez, o mito da “mãe Freud” com o qual abrir uma relação sexual incestuosa protomental ambivalente de posse e devoração oral:

— Mãe, vamos brincar: eu te como?

Mas, entre excitação e medo, quem come quem entre a minha avidez e a tua barriga?

O sexual é o lugar onde o mundo dicotiledôneo encontra o masculino e o feminino e permite sua hibridização criativa, por meio das abelhas na versão de gentis *maîtresses*. O Hermafrodita, portanto, poderia ser a membrana que, de modo semipermeável, separa e une o Universo dicotiledôneo das Angiospermas.

A sexualidade das flores – mas não apenas a delas. Uma única entidade que possui, em suas faces, ambas as modalidades sexuais. Um casal, sob a forma de um único organismo, contempla apaixonado, da margem de um pequeno lago, o seu narcisismo perfeito.

6. Figura 4: Uma escultura criada pelo autor, inspirada no movimento por art, em especial em Andy Warhol. São elementos dessa escultura um extintor de incêndio, uma pá, um ancinho, compondo uma forma comprida e fina, e um boneco do Freud sentado no meio desse “totem”. (N.E.)

7. O “jardim de Capri” refere-se à segunda residência do autor na ilha de Capri, em cujo jardim encontrou os materiais para a criação do Hermafrodita (Figura 4). A escultura encontra-se locada na sala de estar da casa. Metaforicamente, “jardim de Capri” pode ser pensado como um espaço de montagem estética a partir de fragmentos heterogêneos. (N.E.)

Depois, percebe que produziu o outro, um corpo, e dele se apossa totalmente, tanto com seu masculino quanto com seu feminino. Desdobram-se assim todas as protofantasias autoeróticas possíveis, que podem encontrar lugar em espaços mentais, ainda que, por ora, absolutamente estreitos.

O golpe da espada cinde o Hermafrodita, abrindo caminho também para outro confronto: o sonho do indivíduo, separado de seu duplo, que é o sonho do conjunto sonhante que o contém.

Singularidade/Multiplicidade

Tendo sido considerada a unidade plural do Hermafrodita, consideremos agora também a do sonho duplo, que pode ter derivado, na literatura contemporânea, do encontro com Arthur Schnitzler e com o cinema de Stanley Kubrick.

O sonho, enquanto duplo, pertence também a outros lugares em que se expressa – por exemplo, ao casal ou ao grupo em que se inscreve? E sua matriz situa-se na singularidade ou na pluralidade? Ou talvez, simultaneamente, em ambas?

Se se tratar de uma entidade única, o problema estaria evidentemente resolvido: cada um faz o seu sonho (em vigília ou em fase REM). Mas tanto o Hermafrodita quanto o sonho duplo são, ao mesmo tempo, um casal, uma entidade singular ou talvez ambos fundidos.

A multiplicidade e a singularidade encontram-se ao longo da mesma membrana semipermeável de separação que, em um caso (o Hermafrodita), contém a dicotomia dos masculinos e dos femininos como entidades disjuntas dentro de um único contexto; o sonho duplo, por sua vez, é sonhado tanto pelos indivíduos quanto dentro daquelas porções deles que expandem o eu para dentro do corpo (extensões do eu) ou para fora dele (grupos, instituições), aquilo que uma filosofia contemporânea chama de “transumano”. Essas instâncias inspiram a concentração do ser geneticamente mitótico e expiram a expansão do ser culturalmente mitopoético.

O universo onírico em expansão do sonho duplo concentra em seu interior condensações repentinas: são as singularidades que evoluem segundo as mesmas modalidades descritas para o Hermafrodita, o qual evolui descobrindo o autoerotismo. Em seguida, com a criação do outro, inicia-se a busca do objeto: primeiro o próprio corpo; depois o corpo do outro, que, com a mãe, abre para o casal (sede de todas as perversões) e, em seguida, para as famílias, isto é, para os contextos grupais e sociais ampliados (sede de todas as psicoses).

Tudo isso no interior de bolhas de universo que contêm, em um sistema sobreposto, os indivíduos, o casal ou o grupo, em uma dissolução recíproca progressiva, uns nos outros. Por sua vez, essas bolhas de universo se constituem em conjuntos de matrioskas multiestrato, para outras bolhas em comunicação caótica, em níveis cruzados entre si.

Pode-se, diferenciados enquanto indivíduos, sonhar o mesmo sonho que se torna mito no grupo: talvez o de transar com todas as mães do mundo e matar todos

os pais? O pequeno grupo, que fala coralmente com a voz dos lactentes, demonstra que sim. A antropologia o confirma. Como se o “Édipo” fosse uma prerrogativa não apenas dos indivíduos, mas também dos conjuntos.

Ao deslocarmos nossa atenção do sonho individual para o sonho duplo ou para o sonho coletivo, o casal e o grupo tornam-se pontos focais. A singularidade concentra um ponto de vista que se torna identidade, construindo ao seu redor os limites de seu contexto (prazer, dor, construção da membrana, dos limites, agressão sádica para fora deles, masoquista para dentro).

O conjunto de pontos de vista representa a singularidade de uma nova bolha emergente como contexto do vetor somatório dos pontos de vista. Tal conjunto abre uma nova bolha de universo, moldada pela relação continente-conteúdo (que continuamente invertem seus papéis entre si), oscilando entre o novo contexto em expansão e o ponto de vista coletivo (concentrado) que nele está contido.

Desejo e fronteiras (concentração e dilatação)

Um simpósio de psicanalistas reúne-se em mesas quase redondas para discutir “desejo sem limites e fronteiras culturais fictícias”. Alguém observa que, enquanto os participantes individuais constroem e relatam, para compartilhar, os dados de suas considerações clínicas ou culturais na bolha teorizante da sala do simpósio, outra entidade, de consistência diferente (talvez de pedra, por sua parentela louca e proibida com o infinito do sexo e da morte), estaria simultaneamente expressando, sem consciência nem palavras, outro ponto de vista. Isso também em nome do mesmo conjunto grupal, agora disposto em formação mística (por exemplo, em um coro que canta o “Dies Iræ”). Poderia ser o cérebro unitário do conjunto, no qual se vivem o poder, a hegemonia e a superioridade cultural.

O desejo – proibido justamente por ser sem limites – de serem os melhores de todos e, portanto, aqueles que transculturalmente têm sempre a última palavra. Podem inclusive estruturar-se fantasias grupais inconscientes de caráter sádico, do tipo: “se você continuar a se rebelar, eu te ‘fodo’ mais uma vez”. Às vezes chegam até a serem estruturados algoritmos frágeis e caducos para afirmar a superioridade da hegemonia sobre a verdade.

Tudo isso não é falar de psicanálise, mas fazer psicanálise diretamente (naturalmente do grupo, não dos indivíduos); isto é, em qualquer contexto dado, buscar o inconsciente. Conectar-se diretamente ao inconsciente grupal, como acontece frequentemente em grupos e instituições nas quais o agir se torna (se não ali, ao menos) uma forma de comunicação.

Talvez, porém, o segundo princípio da termodinâmica estabeleça que também os algoritmos, enquanto sequências de matéria-energia, estão sujeitos à entropia, de modo que, assim como os códigos biológicos ou culturais, podem ser fictícios e decair. Os algoritmos então se diluem na Nuvem e se reagregam em sequências genéticas, sexuais e linguísticas.

No que diz respeito ao Hermafrodita, talvez o casal singular busque o impulso inconsciente de todo o proibido incestuoso para elaborar a perversão, enquanto os grupos e instituições singulares tentam fazer o mesmo com a psicose.

Quanto ao sonho duplo (ou melhor, múltiplo), o problema é resolver a aporia: *trata-se de um único sonho sonhado por duas singularidades, ou de dois sonhos que se desenvolvem simultaneamente em uma única entidade?*

Talvez o Hermafrodita e o sonho duplo determinem ambos os limites entre o desejo sem limites de gozar sexualmente tudo e a capacidade de fazer sonhar cada ponto multinível do espaço-tempo. A fronteira cultural fictícia seria então a onipotência suicida que necessariamente o confina no manicômio que o tabu lhe construiu deliberadamente. Ambos tendem, de fato, a explorar novos conjuntos antropológicos até então jamais percorridos ou proibidos (novas identidades sexuais múltiplas, famílias arco-íris) ou linguísticos (novas línguas, liberação dos jargões mais emocionalmente primitivos).

Conclusões

Raymond Queneau, tendo terminado os exercícios de estilo na Gare d'Austerlitz, precipitou-se ofegante para a Escola da OuLiPo^[8] para a aula do professor Perec. Não chegou atrasado apenas porque o tempo ainda não havia sido inventado. A aula sobre "A vida: instruções de uso" versava sobre solidões paralelas no interior de um contêiner condominial compartilhado, dentro do qual se circulava entre os cômodos segundo a regra imprevisível do cavalo no xadrez.

O que estaria Wolf tentando aprender com ele – ou talvez ensinar a si mesmo?

- Talvez a matéria-energia oscile em um fluxo sinusoidal sincrônico, do qual, por dessincronização eletroencefalográfica, se origina o espaço-tempo, plasmado como sonho no mundo interno (fase REM) e como dado no mundo externo (fase de vigília)?
- Talvez, por meio de algoritmos, surjam singularidades que se apresentam como pontos de vista, explorando gradualmente os contextos que lhes são próprios: primeiro o narcisismo; depois a descoberta do corpo com a irrupção do autoerotismo; em seguida, a descoberta do outro – do casal, em que se descobre a perversão; e depois do grupo, em que se descobre a psicose. Eis acrescentados alguns outros exemplos de algoritmo:
 - Em algum espaço-tempo estruturam-se, talvez, os movimentos de atração e destruição (Eros/Tânatos), com os quais damos curso às criações e às perdas?
 - Talvez, como enfrentar a aporia de uma relação sincrônica entre multiplicidade e singularidade. Talvez o paradoxo de poder observar, por abstração, um cérebro simultaneamente uno e trino.

8. OuLiPo (Ouvroir de Littérature Potentielle) é um grupo/laboratório literário fundado em 1960 por escritores e matemáticos, dedicado à exploração de restrições formais como método de criação. (N.E.)

Como um lactente, encontrava-se imerso em um espaço-tempo sideral, um protomental no qual ainda não existia nada, porque nada pode ser pensado dentro de quem ainda não existe. Em seguida, gotas totipotentes de singularidades multisignificantes começaram a mielinizar diferentes algoritmos. Elas narravam leques de protoexperiência e se condensavam em pontos de vista que se deslocavam em direção aos limites do infinito, desafiando o vértice de suas cabeças e diluindo-o na Nuvem. Uma oscilação sincrônica da área de Broca.

Wolf construiu então, como berço, um contexto – uma transformação em imagem simbólica – diluída no córtex cerebral das línguas e nas áreas a elas conectadas (área de Wernicke); assim como os dinossauros a construíram com odores em seus cérebros reptilianos, as toupeiras com o calor e as torpedos (raias elétricas) com a eletricidade.

A cada um o seu.

O mundo era agora um caleidoscópio gigantesco, à disposição dos múltiplos pontos de vista dentro dos habitats que, pouco a pouco, os produziam.

Ele, enquanto se desfazia no nada, estava construindo o seu sonho para começar a comunicar-se. Passava agora a atribuir, em sua cabeça como seus, precisamente os mecanismos da linguagem do sonho que Freud havia identificado: a condensação, o deslocamento e a transformação em imagens.

O escrito olhou para suas vestes de artista de rua em seu espelho deformante, devido aos múltiplos olhos descentralizados que o auto-observavam simultaneamente, e disse a si mesmo: afinal, sou apenas um exercício de estilo entre muitos possíveis. Prosseguiu então com Eduardo:^[9] “e sabe-se que os exercícios nunca acabam”. Eles servem não para buscar a verdade, mas para treinar e manter a forma, para experimentar novas técnicas e também para tentar prevenir o Alzheimer. Buscar, no próprio cérebro e no metrô de Paris – ambos em constante risco de greve – uma comunicação multinível, uma terapia do envelhecimento para aquelas escleroses que dizem respeito não apenas aos indivíduos, mas também ao percurso histórico de vida de todas as instituições, mesmo as melhores. Buscar “parceiros de treino” com quem dançar para se divertir como se fazia quando jovens; retornar àquelas quartas-feiras de paixão (sobre o Ódio e o Amor), talvez junto com o jovem Freud, entrar no fluxo do cérebro grupal e fazer com ele aquilo que já não se é mais capaz de fazer sozinho com o próprio.

9. “Eduardo” refere-se à Eduardo De Filippo, ator, dramaturgo e cineasta napolitano, e seu texto *Gli esami non finiscono mai*. (N.E.)

Posfácio de Sandra Nunes Caseiro^[10]

Esse texto é um ensaio metapsicológico repleto de alegorias, citações, figuras históricas e literárias, cuja forma adotada (o estilo), mais que as palavras e expressões, aspira ser uma ação – como uma flecha envenenada que, ao atingir seu destinatário, espalha uma substância desestabilizadora das cadeias de sentido existentes. É um convite à sustentação de ambiguidades, paradoxos, deslocamentos e desconhecimentos – tal como ocorre na experiência clínica. Sua leitura implica a oscilação entre entendimento e estranhamento, sendo esse zigue-zague constitutivo da proposta.

No entanto, alguns “atratores estranhos” conceituais serão explicitados.

O primeiro deles é a figura do Hermafrodita (Hermafreu – Hermes/Freud/dito/tempo) como um operador simbólico: uma membrana semipermeável capaz de conter, combinar e recombinar o que é inicialmente apreendido como opostos: masculino-feminino, unidade-multiplicidade, singularidade-pluralidade, entre outros, sem reduzi-los a uma síntese empobrecedora.

Contiguamente, o autor desloca o sonho de uma experiência individual para um campo relacional, lembrando Bion, para quem o mito pode ser compreendido como uma forma de metabolizar as experiências da espécie humana. O sonho pode se manifestar no indivíduo, no casal, no grupo, nas instituições, na cultura. Num campo onírico amplo, o mito seria uma cadeia de sentidos da espécie humana, o sonho de um indivíduo pode produzir quebras nessa cadeia, potencializando novas combinações e sentidos.

Outro ponto crucial é a relação entre desejo e limite. O desejo desenfreado leva o indivíduo à onipotência. O desejo com limites leva à criação. Mas, para o indivíduo sem desejo, a experiência pode empobrecer em repetições. Mais uma vez, em chave bioniana, o desejo sem limites (que não alcança a existência do outro) pode se configurar como um retorno ao funcionamento da Mente Grupal (supostos básicos), uma forma psicótica de existir e agir, com o aval de todo um grupo.

Nos três pontos cruciais sinalizados, o vértice de apreensão elaborado por Bion, continente↔conteúdo, sustenta os ricos e complexos pensamentos provisórios trazidos pelo autor.

Além disso, foram inseridas poucas notas de rodapé, destinadas a esclarecer citações que, além de seu uso metafórico, se articulam a um referente objetivo.

Referências

Bruno, G. (2019). *De la causa, principio e uno* (A. Guzzo, Ed.). Mursia. (Trabalho original publicado em 1584)

Calvino, I. (1965). *Le cosmicomiche*. Einaudi.

10. Os parágrafos a seguir, de autoria da editora Sandra N. Caseiro, poderiam figurar como prefácio do artigo. Em consonância com o autor, optou-se, contudo, por apresentá-los ao final, a fim de preservar a experiência do leitor. (N.E.)

- Freud, S. (1968). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud: Vol. 4. The interpretation of dreams (first part)*. The Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1900)
- Kafka, F. (1915). *Die Verwandlung*. Kurt Wolff.
- Kubric, S. (Diretor). (1999). *Eyes wide shut* [De olhos bem fechados] [Filme]. Warner Bros.
- Margherita, G. (2005). *Gaia e l'homo sapiens: fantapsicosaggio*. Franco Angeli.
- Margherita, G. (2024). *Così parlò il Protomentale*. Vecchiarelli.
- Matte Blanco, I. (1975). *The unconscious as infinite sets: an essay in bi-logic*. Duckworth.
- Molina, T. (1997). *El burlador de Sevilla y convidado de piedra*. Castalia. (Trabalho original publicado em 1616)
- Perec, G. (1978). *La vie, mode d'emploi*. Hachette.
- Platão. (1979). *Simposio* [O banquete] (G. Colli, Ed.). Adelphi. (Trabalho original publicado no séc. IV a.C.)
- Queneau, R. (1947). *Exercices de style*. Gallimard.
- Queneau, R. (1959). *Zazie dans le métro*. Gallimard.
- Queneau, R. (1965). *Les fleurs bleues*. Gallimard.
- Rajneesh, B. S. (Osho). (2013). *Il libro dei segreti: discorsi sul vigyana bhairava tantra*. Bompiani. (Trabalho original publicado em 1975)
- Schnitzler, A. (1925). *Traumnovelle*. S. Fischer.

Guelfo Margherita

Endereço: Via Tasso, 480. Nápoles. Itália.
 Código postal: 80127
 Tel.: +39 3475078315
 E-mail: guelfo.margherita@spiweb.it
 Site: guelfomargherita.com

Artigo recebido em 21/07/2025

Artigo aceito em 08/12/2025

Editora responsável pelo artigo: Sandra Nunes Caseiro